

CONCURSO PÚBLICO INTERNACIONAL PARA A DINAMIZAÇÃO DO RIO NAS MARGENS DO MÉDIO TEJO.

ARQUITECTURAS

FRÁGEIS.

ECOSISTEMA

VULNERÁVEL.

MARÇO 2007.

"I do not know much about gods; but I think that the river Is a strong brown god—sullen, untamed and intractable, Patient to some degree, at first recognised as a frontier; Useful, untrustworthy, as a conveyor of commerce; Then only a problem confronting the builder of bridges. The problem once solved, the brown god is almost forgotten By the dwellers in cities—ever, however, implacable. Keeping his seasons and rages, destroyer, reminder Of what men choose to forget. Unhonoured, unpropitiated By worshippers of the machine, but waiting, watching and waiting. "

T.S. Elliot, The Dry Salvages, N°3 of Four Quartets

ECOSISTEMA VULNERÁVEL
ARQUITECTURAS FRÁGEIS

1. RESUMO DA INTERVENÇÃO . ABORDAGEM AO PROGRAMA PRELIMINAR

1.1 INTRODUÇÃO

O desafio lançado por este concurso prende-se sobretudo com a forma como cada equipa projectista interpreta a problemática de uma intervenção à escala do território, numa extensão de 25 km, tendo como premissa inicial a dinamização e requalificação das margens do rio, assim como a clarificação de um conjunto de projectos, propostos pelos diversos municípios, num projecto de ordenamento global.

Do nosso ponto de vista, o território atravessado pelo TEJO deverá ser entendido antes de mais como um ecossistema. Um ecossistema vulnerável. Vulnerável não só pelas condicionantes naturais, mas também pela intensidade da acção do homem.

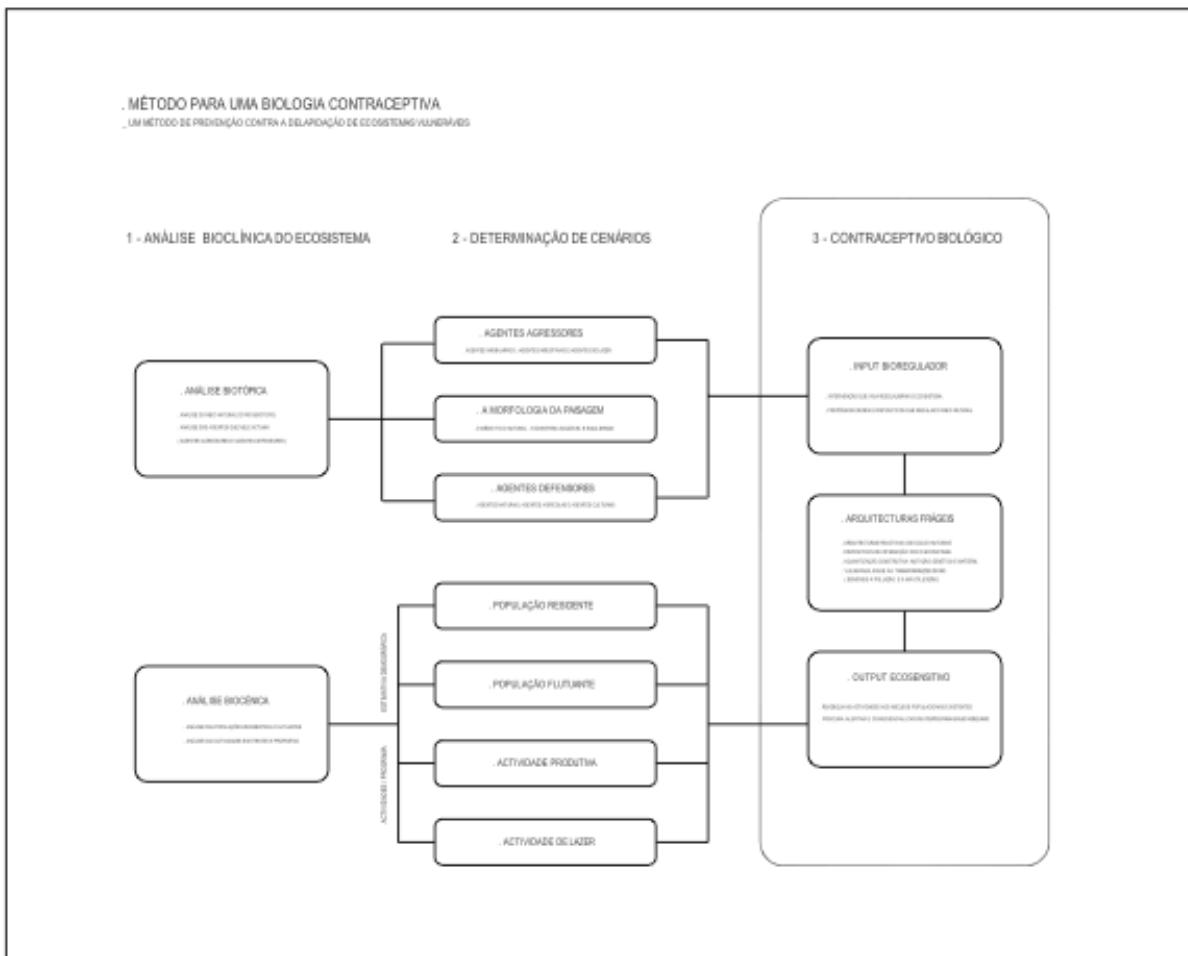
Esta temática parte do princípio em que se torna necessário deduzir o problema certo, levantando uma questão pertinente e tentando utilizar o nosso projecto como resposta a esse mesmo problema. Embora não sendo um método originalmente nosso, é partilhado por alguns dos ateliers que nos inspiram.

Citação de *Lacaton et Vassal* quando abordados sobre a filosofia do seu atelier :

“Levantar boas perguntas e dar respostas rigorosas a essas mesmas perguntas, uma a uma. Levantar sempre o problema do necessário, do suficiente, do que é importante, do que não é. Evitar acumulações, procurar a simplicidade e a comunicabilidade...”

1.2 OBJECTIVOS

O problema parece-nos claro : como sustentar o desenvolvimento da região sem comprometer o valor ambiental e paisagístico do rio ? No fundo como preservar o equilíbrio de um ecossistema frágil, construindo e artificializando o território, mesmo que há base de pequenas intervenções cirúrgicas e pontuais (como o programa do concurso sugere) ?



Talvez seja necessário lembrar que a arquitectura e a arte de construir têm para além de uma função simplesmente estética e funcional, uma função reguladora (do meio ambiente onde se insere) e consciencializadora (da sociedade em geral, e de quem a usa em particular).

É nesse sentido que pretendemos construir a resposta a este problema. As nossas intervenções deverão interagir com o ecosistema : por um lado reequilibrando a sua relação com o homem e reconstruindo as suas defesas naturais; e por outro funcionando como uma peça de um todo, com a mesma vulnerabilidade do rio, reflectindo as suas mudanças e as suas alterações, consciencializando as populações da sua frágil existência.

1.3 O MÉTODO

O método utilizado ao longo do processo de projecto (*MCB – Método Contracepção Biológica*) é no fundo o instrumento que nos permite traduzir essa duplidade de objectivos, afirmando-se como um conjunto de princípios de prevenção contra a delapidação de ecosistemas vulneráveis.

Ele decorre da aplicação de duas variáveis analíticas que nos permitem definir com maior precisão o ecossistema em causa e propor consistentemente o nosso programa de acção :

1. Análise Bioclínica

- 1.1 Análise Biotópica (relativa ao meio natural do rio e aos agentes que nele actuam)
 - 1.2 – Análise Biocénica (relativa às populações e às actividades nele desenvolvidas)

Esta análise permite identificar os elementos necessários à definição de cenários, tanto presentes como futuros, que nos permitem desse modo avaliar a saúde do ecossistema e adequar a sustentabilidade da intervenção no terreno, tendo em vista uma nova morfologia da paisagem:

2. Identificação dos agentes naturais e artificiais que actuam no rio :
 - 2.1 Agentes Agressores (agentes imobiliários, agentes industriais e agentes do lazer)
 - 2.2 Agentes Protectores (agentes naturais, agentes agrícolas e agentes culturais)

2. Identificação demográfica e de usos do solo :
 - 2.3 Zonas Urbanas
 - 2.4 Zonas Naturais
 - 2.5 Actividades Produtivas
 - 2.6 Actividades de Lazer

A acção contraceptiva resume a nossa proposição programática definida em função desses possíveis cenários, com suficiente flexibilidade para permitir a correcta adequabilidade a cada uma das reais circunstâncias :

3. Acção Contraceptiva
 - 3.1 Input Bioregulador
 - 3.2 Output Ecosensitivo
 - 3.3 As Arquitecturas Frágeis

1.4 A MORFOLOGIA DA PAISAGEM

O desenho de paisagem que este território suporta está decisivamente alicerçado no vale do Rio Tejo e nas suas encostas, desde Abrantes até Vila Nova da Barquinha. Não o imaginamos enquanto tradução de uma paisagem rural, à luz do conceito bucólico e idílico do romantismo do Séc. XIX. Nem como uma paisagem primitiva, de vegetação virgem e desumanizada, como as paisagens dos vales situados mais a montante. Somos sensíveis às suas qualidades naturais, mas também ao legado humano e emocional de sucessivas populações. A paisagem deverá ser entendida antes de mais como o cenário onde se desenvolvem inúmeras actividades. A questão central é quantificar essas actividades de forma a que não se produzam desequilíbrios na gestão dos recursos naturais e nos processos naturais de transformação do rio e da paisagem.

Nesse sentido achamos fundamental considerar parte integrante desta Acção Contraceptiva o *Input Bioregulador*, que irá contribuir para assegurar o natural equilíbrio dos agentes que interferem diariamente no ecosistema do rio.

1.5 O PROGRAMA

O programa proposto pelos diversos municípios consiste essencialmente numa requalificação de infraestruturas (valorização de miradouros, cais e de estradas) ou de equipamentos pré-existentes (valorização do castelo de Almourol, de ruínas, de armazéns de barcos e de um antigo quartel) numa lógica de reconhecimento das potencialidades paisagísticas e patrimoniais da região, tendo em vista o seu desenvolvimento turístico.

Não querendo de forma alguma menosprezar o potencial turístico da região, parece-nos de alguma forma desajustada a ideia de que existe uma especificidade relevante naquele troço de rio, que o distinga acima de qualquer outro concelho limítrofe. Podem-se referir outras experiências realizadas em regiões ribeirinhas (como é caso do Vale do Ocreza- afluente do Tejo) que revelam a tendência de se potencializar uma região através do marketing turístico alicerçado em imagens de grande beleza estética, mas de pouca eficácia programática no desenvolvimento e na melhoria da qualidade de vida das populações.

Assim sendo, e de acordo com a sugestão dada pela organização do concurso, propomos um novo programa complementar, uma vez que nos parece de alguma forma insuficiente estruturarmos a nossa resposta visando unicamente a potencialização do turismo na região. Para além do turismo, propomos a implementação de um programa que utiliza os recursos naturais do Rio Tejo para o desenvolvimento de actividades agrícolas, piscatórias e de lazer fluvial.

Este novo programa procura acima de tudo considerar que o alcance deste projecto passa por reprogramar não só as actividades de lazer, como também algumas actividades produtivas, sendo que todas elas conformam uma espécie de *Output Ecosensitivo*, contribundo para o

equilíbrio do rio. É absolutamente necessário darmos uma resposta não só às actividades dependentes do rio, como também à sua localização no território de forma a melhor servirem as populações.

1.6 AS ARQUITECTURAS FRÁGEIS

O conceito de arquitecturas frágeis remete para um paradoxo.

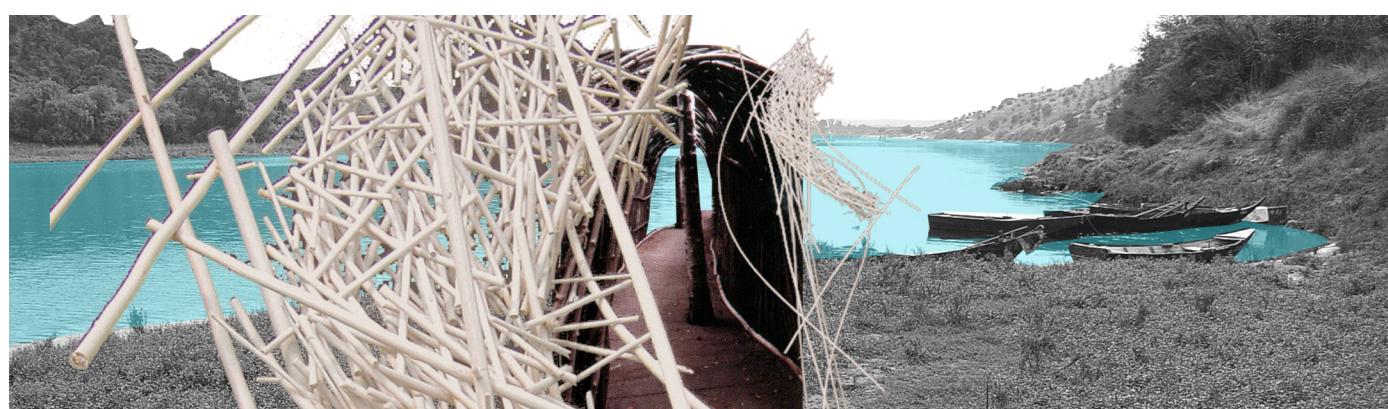
A ideia de arquitectura ou de construção de uma edificação transporta em si o cunho da artificialidade e da demonstração tecnológica que permite ao homem dominar a natureza. Nesse sentido pensar-se numa arquitectura que se revela frágil seria à partida assumir a sua ineficiência tecnológica ou a sua insuficiente materialização.

No entanto, e do nosso ponto de vista, esta ideia de fragilidade poderá ser susceptível de outra interpretação. A fragilidade neste caso deverá ser entendida como o factor de integração de qualquer intervenção neste mesmo ecosistema. Qualquer que seja a natureza construtiva destas intervenções, o facto de se localizarem junto às margens do Rio Tejo, deverá inibi-las de uma presunçosa artificialidade. Será necessário expô-las aos ciclos naturais que afectam o rio e à sua natureza, por vezes idílica, por vezes destruidora.

A sua forma, a sua função e os seus materiais interagem com o meio como qualquer outro elemento natural da paisagem – evoluindo, regenerando-se ao longo do tempo.

É nesse sentido evolutivo que elas se constituem enquanto peças fundamentais da nossa intervenção. Uma vez que a arquitectura não poderá prever as pressões e forças que vão intervir futuramente no território, é necessário admitirmos uma plena capacidade de adequação destas peças a novas funções, o que as tornará de facto parte integrante da memória deste lugar.

As arquitecturas frágeis são dispositivos de interacção com o ecosistema. Buscam inspiração nos exemplos mais primitivos da arquitectura vernacular. Não se limitam nesse sentido a infraestruturas de apoio, estáticas e inertes. São também elementos fundamentais na vivência das populações locais e do turismo responsável que se espera que venha a dinamizar a região.



2. MEMÓRIA DESCRIPTIVA E JUSTIFICATIVA

INDICE

2.1 PROJECTO.....	9
2.2 TERRITÓRIO.....	10
2.3 MÉTODO PARA UMA BIOLOGIA CONTRACEPTIVA.....	12
2.3.1 ANÁLISE BIOCLÍNICA.....	12
<i>Zona 1 (Barquinha/ Constância)</i>	
<i>Zona 2 (Constância/ Abrantes)</i>	
<i>Zona 3 (Abrantes)</i>	
2.3.2 DETERMINAÇÃO DE CENÁRIOS.....	17
<i>Zona 1 (Barquinha/ Constância)</i>	
<i>Zona 2 (Constância/ Abrantes)</i>	
<i>Zona 3 (Abrantes)</i>	
2.3.3 ACÇÃO CONTRACEPTIVA.....	23
<i>Zona 1 (Barquinha/ Constância)</i>	
<i>Zona 2 (Constância/ Abrantes)</i>	
<i>Zona 3 (Abrantes)</i>	

2.1 PROJECTO

O projecto para a dinamização das margens do rio na zona do Médio Tejo partiu de um princípio analítico que procurou incorporar para além das componentes estáveis e permanentes do território, as mutações e solicitações a que o rio e a paisagem estão sujeitos.

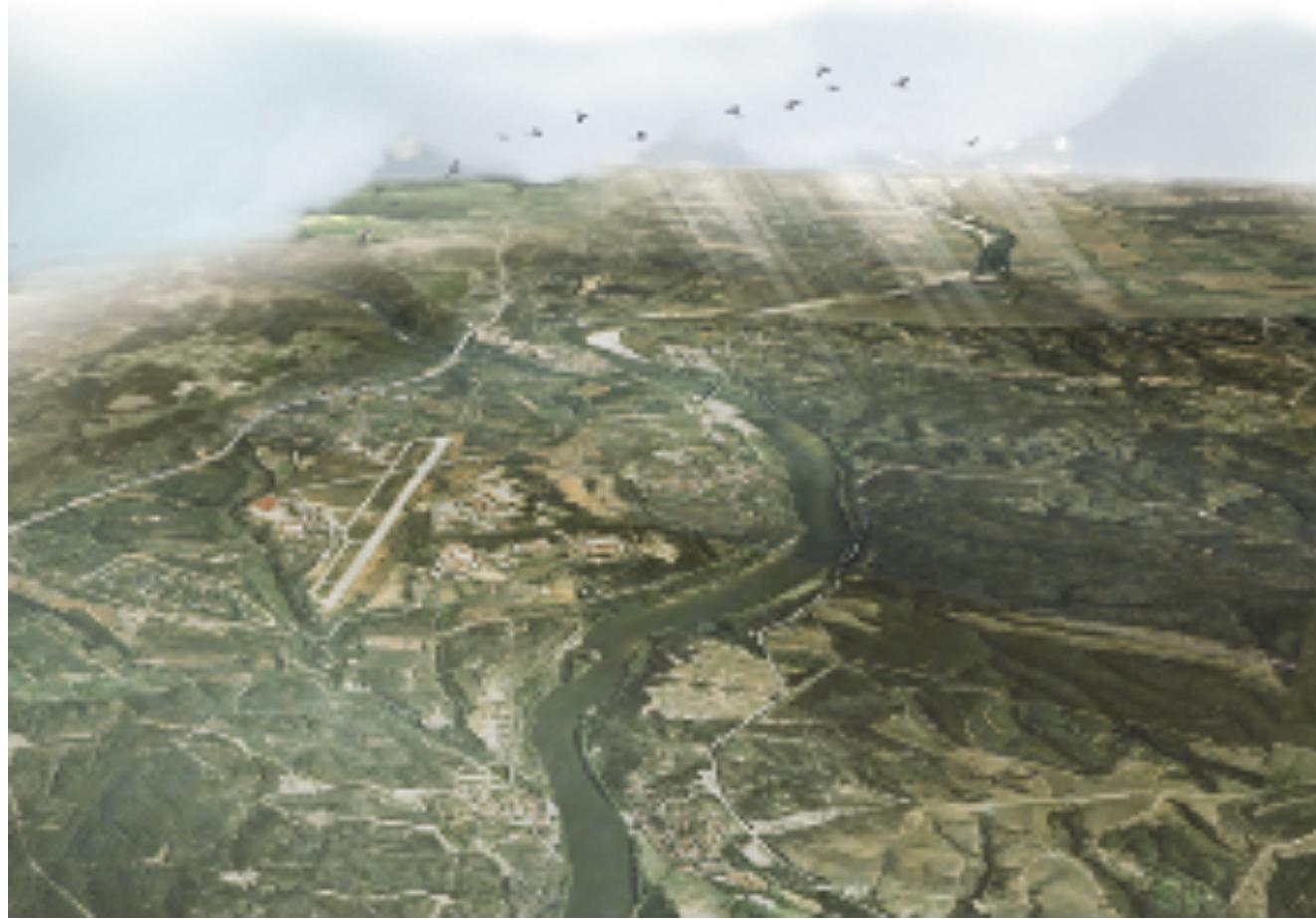
Essas componentes transitórias do território, que não podemos dominar, são fruto de processos naturais (cheias do rio, alterações climatéricas, estações do ano), mas também de processos artificiais (pressões imobiliárias e económicas, pressões demográficas, poluição) que alteram profundamente a paisagem e as actividades nele exercidas.

Esta análise permite definir critérios, com uma probabilidade realista, que enquadram a paisagem e as suas mais valias nas potenciais actividades económicas que aí se vão desenvolver, traçando quadros de vida e cenários de futuro. Essa é a ambição do projecto, responder dinamicamente (e não faseadamente) a uma evolução dos tempos, às transformações naturais de um território vivo, não procurando de forma alguma cristalizar um projecto de permanências, mas um projecto de continuidades e ciclos.

Neste sentido a definição de um programa para este lugar é secundarizada pela capacidade de adaptação que qualquer uma das nossas propostas deve apresentar face a uma possível alteração de cenários. Pareceu-nos assim prudente aceitar o programa proposto pelos diversos municípios, propondo-se pontualmente novas infraestruturas para novos usos, no entanto sublinhamos que não pretendemos dar uma resposta programática a uma condição de presente, mas uma resposta programática a uma condição de futuro.

No fundo, na avaliação do problema não achamos sustentável a implementação de novos elementos demasiadamente solicitadores do território, mas procuramos introduzir elementos reequilibradores, agentes neutros que possibilitam diversas actividades e que são preferencialmente identificados como elementos do ecossistema e não como elementos da urbanidade.

Para uma melhor avaliação das potencialidades e dos problemas do território que nos era dado a intervir decidimos dividi-lo em 3 grandes áreas de acção :



- . Zona 1 (Barquinha / Constância)
- . Zona 2 (Constância / Abrantes)
- . Zona 3 (Abrantes)

2.2 TERRITÓRIO

A relação natural que o território estabelece com o Rio Tejo assume algumas particularidades distintas nestas 3 zonas que acima referimos. Diferentes formas de ocupação do território e diferentes condicionantes geográficas conduziram a uma apropriação particular das margens que dependia da proximidade de aglomerados urbanos e das actividades que aí se poderiam desenvolver.

É nesse sentido que identificamos no presente uma certa predominância de usos em cada uma destas zonas que poderiam de alguma forma servir como agentes caracterizadores do programa proposto. Assim na Zona 1 identificamos uma vocação de carácter *cultural* , na Zona 2 uma vocação de carácter *agrícola* e na Zona 3 uma especial vocação para o *lazer*.

No entanto e tendo em conta as dinâmicas que queremos integrar, imaginamos cenários em que estes mesmos usos e actividades se misturam, transitando ao longo do território em função das novas pressões e das novas políticas territoriais que se vão afigurando necessárias. No fundo trata-se de reconhecer a importância de uma gestão dinâmica do território, reservando os limites necessários à sua preservação, mas dando espaço à iniciativa privada e ao desenvolvimento económico e social da região.

Neste sentido encaramos as intervenções no território como elementos de gestão de uma ordem natural. Elementos que se alteram em conformidade com o uso das comunidades ribeirinhas e com os ciclos do rio, podendo adaptar-se a novos cenários, independentemente da sua localização.

Assim apontamos para uma mudança do cenário ribeirinho de 7 em 7 anos, verificando-se um ajustamento territorial em função da mobilidade dos usos potenciais do rio.

- Em **2007** verifica-se de facto uma predominância de usos *culturais* na Zona 1, essencialmente relacionados com a localização de património classificado, como o Castelo de Almourol, e com a particularidade geográfica da vila de Constância. A Zona 2 afigura-se essencialmente como uma zona de usos *agrícolas* que deveriam ser potenciados, mantendo-se enquanto actividades importantes na economia local. Já na Zona 3 as margens ribeirinhas parecem estar mais orientadas para um uso associado ao *lazer* da população urbana de Abrantes.
- Em **2015** seria perfeitamente possível uma primeira deslocação de usos : A Zona 1 poderia passar a desenvolver uma actividade *agrícola* mais intensa, centrada nos terrenos de cultivo localizados perto de V.Nova da Barquinha, que daria necessariamente um novo enquadramento ao património cultural. Já a Zona 2 poderia passar a ter uma nova dinâmica enquanto espaço de *lazer*, utilizando-se os espaços agrícolas como os canais de regadio, para actividades de lazer apoiadas numa infraestrutura de eco-parques. A Zona 3 poderia passar a investir igualmente em actividades de carácter *cultural*, para reequilibrar a relação de lazer do rio.
- Em **2023** finaliza-se este ciclo rotativo com a seguinte disposição de usos : Na Zona 1 um investimento nas infraestruturas ligadas ao *lazer*, como resposta às crescentes necessidades de entretenimento decorrentes do desenvolvimento urbano. Na Zona 2 o reconhecimento que espaços agrícolas e ambientais também podem ter um valor *cultural*. E na Zona 3 uma aposta pioneira na *agricultura urbana*, actividade que tenderá a ser fomentada enquanto processo de sustentabilidade ecológica e energética da região.

2.3 MÉTODO PARA UMA BIOLOGIA CONTRACEPTIVA

O método que define este projecto consiste essencialmente em 3 fases de premissas estratégicas que têm como objectivo a consolidação de políticas de preservação ambiental sustentáveis com as dinâmicas de utilização do território. Essas premissas nascem da *análise bioclínica* do território, fundamentam-se na *determinação de cenários* e materializam-se numa *acção contraceptiva*.

Decidimos denominá-lo de *Método para uma Biologia Contraceptiva* pela sua componente preventiva contra actos de delapidação do território, consciencializando as comunidades da importância e da fragilidade do ecosistema do Médio Tejo.

2.3.1 ANÁLISE BIOCLÍNICA

A Análise Bioclínica consiste numa avaliação pormenorizada das condições bióticas e biocénicas que permitem caracterizar o ecosistema. A Análise Biotópica procura analisar o meio natural e identificar os agentes que nele actuam (agressores e defensores), tendo em vista a definição da biodiversidade que caracteriza a *morfologia da paisagem*. A Análise Biocénica procura analisar as populações residentes e flutuantes, assim como as actividades existentes e propostas, dando-nos uma perspectiva sócio-económica da região.

ZONA 1 (Barquinha/Constância)

A Zona 1 caracteriza-se essencialmente pela proximidade dos aglomerados urbanos das margens do rio Tejo. Essa proximidade fez com que uma urbanidade dispersa povoasse a margem norte do rio, chegando inclusivamente às proximidades da zona de património classificado do Castelo de Almourol.

Essa circunstância faz com os espaços de carácter natural mais preservados estejam localizados na margem sul. Aí podemos encontrar espaços de cultivo e zonas florestais, nas imediações do Arripiado, como é o caso da área de diques e lagoas situadas junto à povoação, ou a Quinta do Arripiado com o Parque Jardim, a Casa das Artes e o belíssimo Salgueiral.

As principais ameaças ao ecosistema consistem nas pressões de *ordem imobiliária ou de lazer urbano intensivo* que muitas vezes ignoram a especificidade e fragilidade deste escosistema.

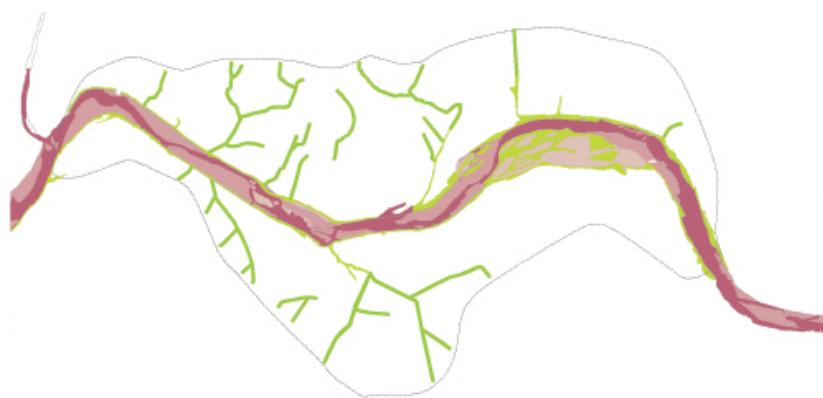
A zona sujeita a maiores pressões imobiliárias é a margem Norte, mas por estranho que pareça é na margem sul que se propõe neste programa considerar um projecto de habitação de baixa densidade. Já as pressões provocadas por infraestruturas ligadas ao lazer urbano fazem-se sentir particularmente nas proximidades de Vila Nova da Barquinha, onde o Parque Ribeirinho parece provocar um acidente desnecessário na continuidade vegetal das margens do rio.

Também a utilização frequente de transportes motorizados e a descarga de resíduos sólidos no rio constitui um problema considerável. A concentração de pontos de travessia no rio como o *Cais de El Rei* em Tancos é um ponto que perturba especialmente a concentração de espécies e que influencia a própria qualidade das águas. Quanto à vegetação que caracteriza esta zona parece-nos que existe um problema de erosão de solos que condiciona negativamente a arborização das margens do rio.

Na Zona 1 a paisagem afigura-se assim como um ecosistema *moderadamente* fragilizado pela presença humana e pelo uso intensivo do rio para actividades de transporte e lazer. A necessidade de preservação das margens deveria ser acompanhada de uma consciencialização ambiental e de um reenquadramento paisagístico capaz de conter a proliferação de uma urbanidade dispersa (“sprawl”)



cultivos e vegetação_situação actual



águas e ribeiras_situação actual



paisagem humana_situação actual

ZONA 2 (Constância/Abrantes)

A natureza antropizada que encontramos neste tramo do rio Tejo, convida-nos a identificar a **Água, a Vegetação e os Assentamentos Humanos** como canais principais de desenvolvimento.

Ao analisar os processos de transformação do território, não visíveis à primeira vista e, revelar as energias e intensidades que os decorrem encontramos a chave para detectar uma quantidade apreciável de energia mobilizada e espalhada para estabelecer uma estratégia de intervenção.

Água

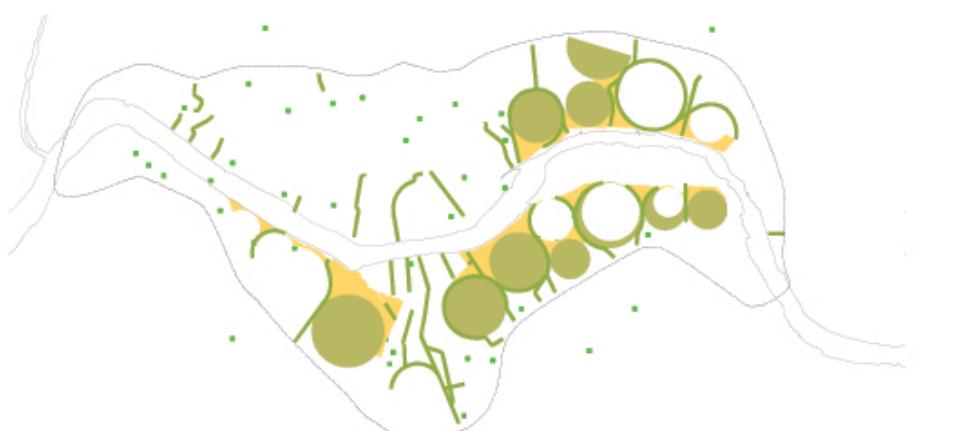
Os rios são metáforas do tempo, por isso, percorre-lo é como viajar no tempo, apelar à memória do lugar, dos seus antigos meandros, áreas de vegetação ripícola a potenciar e os seus vínculos às actividades humanas presentes nos cais, portos, estaleiros, áreas de pesca, áreas de exploração de areia e cascalho, etc...

Vegetação

Coexistem três tipos de exploração agrícola:

- tradicional, de pequenas parcelas estruturadas por oliveiras e produtos hortícolas
- moderno, de parcelas extensas e sem rastro do tipo tradicional
- moderno industrial, com tipo de rego pivotante, formando parcelas circulares de grande diâmetro.

É nestes tipos de exploração, mais a pré-existência como devesa, que encontramos a chave para definir e prever futuras transformações desta paisagem agrícola. Interactuamos com ele criando canais entre as áreas de cultivo, áreas de vegetação ripícola, zona marginal, e aos afluentes e acequias que nele confluem.



cultivos e vegetação proposta



água e ribeiras_proposta



paisagem humana_proposta

Humano

A análise dos núcleos habitados e a sua estrutura que se disseminam e dispersam pelo território; a ampla rede de sendas e caminhos utilizados para o cultivo; as ruínas arqueológicas e a presença de quintas dispersas, permitem estabelecer uma rede antropizada muito rica e susceptível de ser reutilizada e potenciada e, sobre a qual nos apoiamos para o projecto.

Identificação de nós e potencialidades

Da análise à identificação de 'lugares' de intervenção potencial, altamente valiosos ainda que em desuso.

Definem-se primeiro por canais: *água, vegetal e humano*, que logo interactuam criando uma estrutura de áreas potenciais de intervenção adicionadas ao programa preliminar proposto (cais de Rio de Moinhos, cais de Porto da Barca, ruínas de Chadas Bicas e ruínas do Alcolobre)

Essas áreas potenciais de intervenção propõem-se ao nível de **água** criando uma rede paisagística (instalações paisagísticas- áreas de contemplação e passeios ribeirinhos), desportiva e de infraestrutura (cais).

Ao nível de vegetação, partimos de um sistema previsível de evolução que acolherão os cultivos da zona, aos que vinculamos actividades produtivas e paisagísticas temporais que possam aproveitar as áreas em repouso, como lugares de exploração temporal e, pontos de conexão com o resto das redes de vegetação (rústica, de ribeira, devesa, etc)

Ao nível humano, descrevemos como aqui coabitam formas sociais e modos de produção tradicionais com outras formas em transformação...coabitar é a chave de desenvolvimento. Por tudo isso, propomos reutilizar as quintas e povoações como equipamento na proposta de reactivação da zona, fazendo-lhos participar com programas interactivos. Apoiamo-nos na rede de caminhos existentes e utilizamos as ruínas, quintas e cais como pequenos atractores. Trata-se de uma aposta de baixa

intensidade, pela pequena intervenção que acumulada e correctamente utilizada creará, no futuro, um sistema activado.

ZONA 3 (Abrantes)

A Zona 3 caracteriza-se por uma geografia accidentada que condiciona a urbanização das margens do rio. Esse aspecto levou a que as margens do rio ainda conservem alguns aspectos característicos da vegetação autóctone. Um dos aspectos particulares desta zona é a concentração de bancos de areia, provocados pelo caudal e pelas correntes naturais do rio, mas também por fenómenos de açoreamento causados pela indústria de extração de inertes.

Os espaços verdes desenvolvem-se ao longo da encosta da cidade de Abrantes modificando-se à medida que se aproximam do rio. As plantações de sobreiros e azinheiras localizam-se nos pontos mais elevados do terreno em solos calcários, enquanto que salgueiros e choupos se desenvolvem nas zonas húmidas, onde abundam igualmente canaviais e vegetação rasteira. Nestas zonas humidas podem-se encontrar algumas espécies da fauna local que tiram partido das zonas de canaviais para se reproduzirem ou alimentarem (alguns exemplos são a rela, a garça branca pequena ou o pernilongo).

No entanto e apesar de se encontrarem alguns recantos de extrema beleza, é na zona de Abrantes que as pressões de carácter imobiliário e do lazer urbano se fazem sentir com maior intensidade. A cidade de Abrantes tem vindo a desenvolver-se na encosta sobranceira ao rio, num crescimento galopante e relativamente desordenado, onde edifícios de habitação em altura contrastam com habitações rurais.

As iniciativas publicas e da VALTEJO também incentivaram uma utilização recreativa das margens do rio, com a construção do açude insuflável e com o planeamento de uma Cidade Desportiva na Zona de Abrantes Oeste.

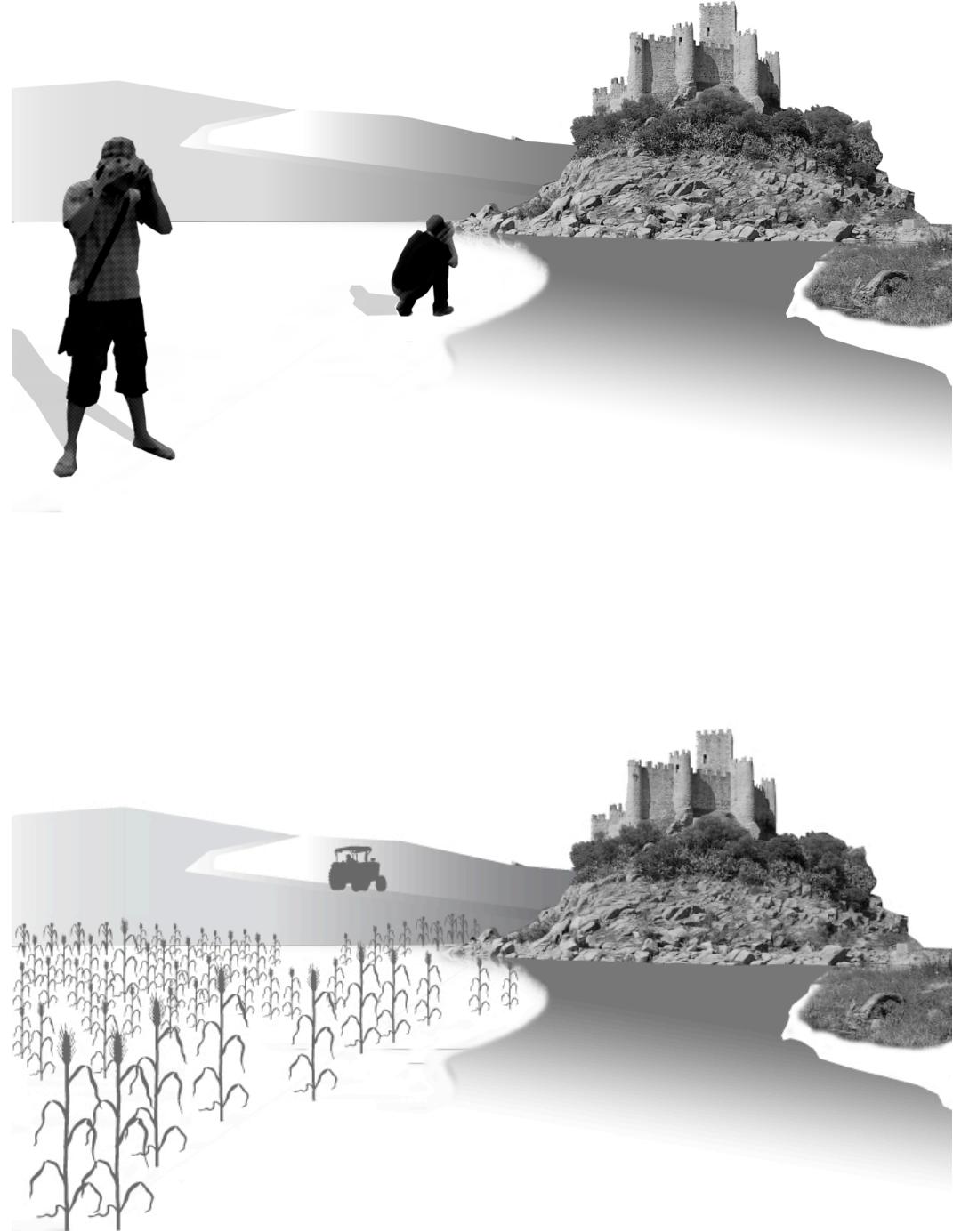
No lado oposto a travessia do rio em duas pontes (viária e férrea) e o programa Aquapolis, com uma intervenção direcionada para o lazer e para o entretenimento fluvial da população, condicionam e alteram profundamente a morfologia natural do rio.

É nesse sentido que consideramos a Zona 3 como a zona de *maior fragilidade* do ecosistema, sendo que possivelmente neste troço o rio não poderá voltar à sua morfologia primitiva, uma vez que se tornou num espaço profundamente humanizado e de certa maneira artificial. Assim encaramos esta zona como uma zona de uso mais intensivo das populações, abrindo-se espaço a uma artificialização progressiva das margens, sem no entanto se cair na lógica da densificação urbana, mas procurando dar-se lugar a intervenções paisagísticas fortes que todavia não sobrecarreguem demasiado o ecosistema.

2.3.2 DETERMINAÇÃO DE CENÁRIOS

A partir da Análise Bioclinica partimos para a determinação de possíveis cenários de futuro, que poderão ser concretizados ou não, mas que seguramente se afiguram como possíveis cenários de desenvolvimento sustentado para cada um destes municípios.

Partimos do princípio que se pode ponderar uma mobilidade de usos de 7 em 7 anos. Essa mobilidade deverá ser entendida como resultado natural das dinâmicas do território e como tal traduzida na exploração do potencial inerente a cada uma das zonas. Assim propomos uma rotatividade cíclica das actividades de cultura, lazer e agricultura, em cada uma das zonas que previamente definimos.



ZONA 1 (Barquinha/Constância)

A análise desta zona permite-nos constatar que existe uma tendência para uma consolidação dos valores patrimoniais que se reporta às raízes históricas e aos valores culturais da região. Esse aspecto levou-nos a dar uma particular relevância ao programa de carácter cultural, como a Casa do Calafate (Barquinha), a reordenação do Castelo de Almourol (Tancos/Arripiado) e a reabilitação de um espaço para o novo Museu do Tejo (Constância).

Este primeiro cenário (**2007**) remete-nos para uma exploração das potencialidades turísticas desta zona e do seu património, que vai de encontro ao Marketing Territorial referido nas bases do concurso. Esta aposta deverá ser no entanto entendida como uma forte pressão sobre o ecosistema e como tal deverá ser pensada para um período de tempo bastante concentrado (7 anos) que poderá ser retomado ao fim do ciclo que propomos.

Um segundo cenário (**2015**) , motivado pela necessidade de rentabilização dos terrenos agrícolas localizados nas proximidades de Vila Nova da Barquinha e pelos incentivos a pequenos agricultores, conduzirá à expansão da agricultura para novos territórios. Essa alteração levará a uma reconfiguração dos novos terrenos para fins agrícolas que poderá ser benéfica, até no sentido de libertar os terrenos anteriormente ocupados por infraestruturas turísticas, da pressão demográfica que estas exercem.

Por fim um terceiro cenário (**2023**) , em que o território anteriormente equipado com programas culturais e posteriormente reutilizado para fins agrícolas, passa a ser desenvolvido com base nos programas de lazer ribeirinho. Esta situação poderá justificar-se até para dar resposta ao crescimento dos aglomerados urbanos, motivado pelo investimento no turismo da década anterior e para dar lugar a novas alternativas de uso do rio que serão certamente exploradas pelos operadores turísticos.

Tendo em conta o desenvolvimento actual da Zona 1, parece-nos ser esta a melhor sequência a dar a este ciclo rotativo de usos. É necessário um primeiro investimento nas estruras culturais do concelho, consciencializando-se as populações do seu real valor, ao qual se seguirá um investimento na produtividade dos inúmeros terrenos agrícolas da zona e a um novo enquadramento paisagístico do legado patrimonial que anteriormente referimos. Por fim será necessário adaptar esta paisagem às solicitações de uma industria turística em expansão e ao crescimento urbano das populações.

ZONA 2 (Constância/Abrantes)

Paisagem

Palimpsesto (do lat. *palimpsestus*, e este do gr. παλimpseστος) voz grega que significa *apagado novamente*. *Manuscrito* que ainda conserva vestígios de outra escritura anterior na mesma superficie mas apagada expressamente para dar lugar à que agora existe.

Uma vez que a paisagem agrícola contem uma condição evolutiva e de transformação, e , de que o rio é um sistema vivo e flutuante vinculado a modificações e crescidas ao longo do seu curso, entendemos que esta zona se comporta como um livro desenhado e apagado continuamente, um *palimpsesto*.

Uma acumulação de distintos vestígios desenhados e redesenhados novamente, producto da variação estacional e temporal al que está sujeito.

As propostas de reactivação, à parte das intervenções propostas, procedem de uma intervenção no tempo e em processo de mutação, evolução e interacção do mesmo modo que a mesma paisagem.

Re-programação

Referencias - *Fun-Palace* de Cedric Price.

Esta referencia contribui fundamentalmente na invençao de um sistema de lazer e cultura nao consumido, mas sim interactivo. A participaçao activa do publico revela-se entao como fundamento.

Neste caso, todas as intervenções e programas propostos basam-se na vontade de introduzir o “jugador”, seja habitante ou turista, numa realidade territorial, uma envolvente de pequenas intervenções pensadas para reaccionar com ele.

As intervenções na paisagem propoem-se do mesmo modo, sao producto do reconhecimento das suas potencialidades, sao interactivas, e pulverizam o *fetiche* artistico . Sao “portas” de conexão entre o observador e a envolvente natural (rio, vegetação), e o antropizado (cultivos, quintas, ruínas).

O projecto nao se divide entre productores e consumidores...surge uma nova responsabilidade...crear cenários que fomentem novas relações entre lazer-cultura-natureza. O espectador nao pode “contemplar” a obra, tem que participar dela, percebê-la desde vários pontos de vista, inclusivé participar no processo de construção, cultivo, percurso, etc...

Propomos condensadores de actividades e comunicação, pontos de pequeno e grande tamanho e repercurso, pensados como encruzilhadas ou lugares de actividade permanente, que fazem do encontro entre as pessoas e da interação destas com a produção, a administração e consumo de energia, informação e tempo...um acontecimento...bem pelo seu carácter catalisador, bem por formar parte de um sistema mais complexo, uma rede que conectada resulta sumamente atractiva.

Redes

Os distintos tipos de paisagem e entidades territoriais podem estar ligados por redes (existentes e propostas) que interactuam entre si. Propomos uma infraestrutura territorial programada e interligada fundada por pontos **emissores** permanentes (de programa, de actividade e de usuários) e por pontos **receptores** temporais como mutantes e oscilantes, isto é, podem entrar em uso, ser apagados ou reactivados.

A rede proposta funciona de forma similar ao sistema nervoso pela capacidade de controlar os processos que permitem a que o sistema funcione, e, de interactuar com o

meio recebendo, processando e armazenando estímulos recebidos de e para os usuários. As neurônios são os nossos nós emissores e receptores, unidades elementares programadas, ligadas a outras através de prolongações de **dendritas** (ligações curtas) e **axons** (ligações longas). As dendritas e axons definem-se como processos em termos biológicos, conceito bastante adequado se os entendermos como meios de programação temporal e evolutiva.

Programação da rede

A rede programa-se temporariamente em períodos vinculados a fases de projeto (2007, 2015, 2023) e, programáticamente -estabelecendo os programas básicos que por sua vez, respondem aos sistemas aquáticos, vegetais e humanos, isto é, gastronómico, cultural, desportivo, paisagístico e botânico.

Estes programas, por sua vez, dividem-se em interativos (provocam reação usuário-envolvente) e de contemplação (de disfruto e contemplação do território).

Em resumo, programa-se temporariamente, activa-se ou desactiva-se em função dos estímulos que recebe ou há-de gerar.

Novos cenários

Adicionam-se, aos programas preliminares propostos, novos cenários dispersos mas enlaçados, conectados...

ZONA 3 (Abrantes)

A aposta do município de Abrantes num uso lúdico das margens do rio, levou-nos a desenvolver programas ligados ao *lazer fluvial* que procuram dar resposta à crescente procura do rio pela população de Abrantes e dos concelhos limítrofes. A localização destes programas consiste em dois pontos estratégicos : a Cidade Desportiva (Abrantes Oeste) e o Aquapolis (Abrantes Este).

O cenário actual (**2007**) claramente dirigido para uma infraestruturação urbana das margens do rio, convive de perto com zonas de elevado valor ecológico. Nesse sentido as intervenções deverão claramente ponderar uma utilização intensiva do espaço ribeirinho, concentrando as actividades lúdico-desportivas em pontos específicos e não as deixando alastrar a outras zonas mais sensíveis.

Poderemos no entanto pensar que no futuro (**2015**), numa perspectiva optimista, a procura das margens do Tejo junto a Abrantes, passará a alargar-se a outros públicos e a adquirir igualmente um valor cultural. Aí seria necessário que as infraestruturas criadas com um fim lúdico e desportivo possuíssem um valor acrescido, uma qualidade poética que as relacionasse com o rio e como tal reafirmasse a paisagem enquanto valor cultural.

Já num cenário a longo prazo (**2023**) se assistiria a uma inversão de usos que levaria a uma proliferação de actividades agrícolas em meios urbanos ou peri-urbanos. O caso de Abrantes poderia ser um caso exemplar desta situação, não só porque tem condições naturais para investir na agricultura, mas também devido à influência dos municípios mais próximos. Esta situação seria muito benéfica para as margens do rio em Abrantes, pois poderia acelerar o processo de rearborização das margens do rio nas zonas mais afectadas pela erosão.

Este ciclo rotativo de usos na Zona 3 é diametralmente oposto ao da Zona 2, uma vez que partimos de uma zona em processo de urbanização acelerado, ao qual é inevitável dar uma resposta positiva face às solicitações da população, para uma progressiva ambientalização e aculturação da paisagem natural e humana, que conduzirá naturalmente a uma relação mais equilibrada entre Homem e Natureza.

2.3.3 ACÇÃO CONTRACEPTIVA

A acção contraceptiva consiste numa intervenção à escala do território e do espaço construído que materializa os objectivos finais de prevenção contra a delapidação do ecosistema vulnerável que é o Médio Tejo. Esta acção divide-se num *Input Bioregulador* que procura reequilibrar o ecosistema e num *Output Ecosensitivo* que readequa as actividades aos núcleos populacionais existentes, tendo em vista a consciencialização dos utentes para um uso adequado dos programas propostos.

Esta acção materializa-se em projectos e redes, sendo que genericamente poderíamos apelidá-los de *Arquitecturas Frágeis*, dado as suas características comuns. Estes projectos procuram reagir aos ciclos naturais do rio, interagindo com o ecosistema e incorporando uma dose forte de vulnerabilidade.

ZONA 1 (*Barquinha/Constância*)

A intervenção na Zona 1 consiste numa intervenção em 4 pontos específicos que se localizam em 3 municípios diferentes (Barquinha, Chamusca e Constância).

Estas intervenções pontuais são ligadas a partir da infraestrutura existente, sendo que funcionam como uma rede de equipamentos culturais que geram fluxos e movimentos energéticos próprios.



A primeira intervenção localiza-se nas imediações de Vila Nova da Barquinha e trata-se da recuperação de uma casa de botes, conhecida como *Casa do Calafate* transformando-a num Centro de Interpretação Ribeirinho, onde se pode mostrar todo o processo de construção das embarcações navais características desta região.

A segunda intervenção consiste na reformulação de toda a envolvente do castelo de Almourol, que abrange o projecto de um novo bar e de miradouros estratégicos. Estas

intervenções consistem em elementos paisagísticos que procuram dissimular-se na paisagem, não se afirmando como arquitecturas visíveis, mas como extensões da paisagem. Esta intervenção compreende ainda o arranjo paisagístico das zonas envolventes a estes equipamentos, nomeadamente na rearborização das margens do rio que permitirá esconder algumas construções indevidas e parques de estacionamento de “autopullmans” de transporte turístico.

A terceira intervenção localiza-se já no município de Constância e compreende o Museu do Tejo. Para esta intervenção definimos um conjunto de *elementos atomizáveis de programa* (posto de informação, bilheteira, expositores,etc...) que poderão ser utilizados igualmente noutras intervenções , assumindo-se como gadgets que contribuem para uma imagem continua e identitária da região do Médio Tejo.

Por fim, no sentido de dar resposta ao Projecto de Habitação de Baixa Densidade que estava previsto nas imediações do Arripiado e muito perto da Zona do castelo de Almourol, propomos uma deslocalização deste programa para a Base Aérea N.4 que propomos desactivar, uma vez que é igualmente sugerida a sua reutilização.

Como ligação destes programas propomos vários circuitos adequados para diferentes meios de transporte e para diferentes tempos de percurso. Neste sentido cria-se uma espécie de circuito turístico do Médio Tejo, uma constelação de pontos com interesse patrimonial ou museológico, abrangendo igualmente o núcleo histórico de Constância e os pontos de atravessamento fluvial do rio Tejo.

Este investimento inicial em equipamentos de carácter cultural é no entanto sensível aos cenários que traçamos anteriormente, podendo ser reenquadradados em novas situações e utilizados para outros programas.

ZONA 2 (Constância/Abrantes)

Para terminar a proposta, como se de um ciclo se tratasse, voltamos aos três canais iniciais: sistemas àgua, vegetal e humano.

Água- projectam-se, não só, os cais e portos propostos, mas também, intervenções paisagísticas que regeneram o antigo leito de ríos de água, conectores visuais entre margens que actuam como vértices visuais da margem oposta, aproximando-te a esta, aos percursos entre as “ilhas” do meandro, aos bancos de areia e à vegetação ripicola e herbácea circundante (*Marconia triloba*, *Thimus mastichina*), etc...

Vegetação- propõem-se uma expedição botânica que faça participar o visitante das paisagens presentes.

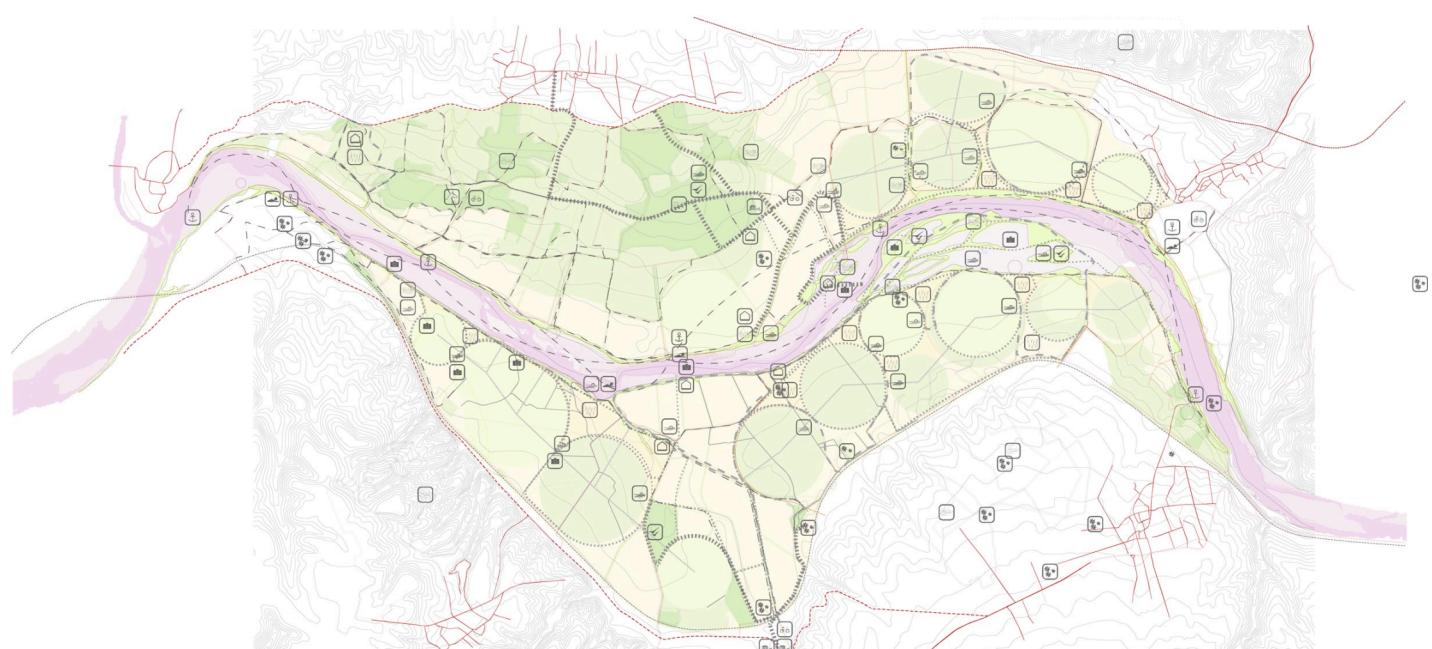
-Botânico agrícola_ Reactivamos as áreas de cultivos de vinha e cereais em repouso e os pequenos fragmentos de parcelas de milho irrigadas que ficam em desuso para propor plantações e intervenções paisagísticas como “portas” ao cultivo, ao rio, etc...

-Botânico ameaçado_ uma rede replantada de espécies de porte alto e floração ao redor dos poços existentes para que se convertam em “símbolos estacionais” na paisagem. Seriam também propostas espécies ameaçadas do Tejo médio como *Iris lusitania*, *Juniperus oxycedrus* subs. *Badia* e *Acer monspessulanus*.

-Botânico ribeirinha_ A recuperação da vegetação ribeirinha e ripicola das margens (*Salix spp.*, *Populus nigra*, *Tamarix africana*, *Securineja tinctoria*), propõe-se replantando espécies autoctonas e programando usos estacionais, de estancia, etc...

-Botânico devesa_ Trata-se de um percurso pelas zonas de monte baixo, azinheiral e inclusivamente olivar que circundam a zona.

*Sistema antropizado*_(redes de caminhos, povoações, quintas, etc...) estaria equipado como casas rurais, centros de investigação agrícola, centro hípico, restaurante, rede de merendeiros, centros de actividade local, recuperação de ruínas como património

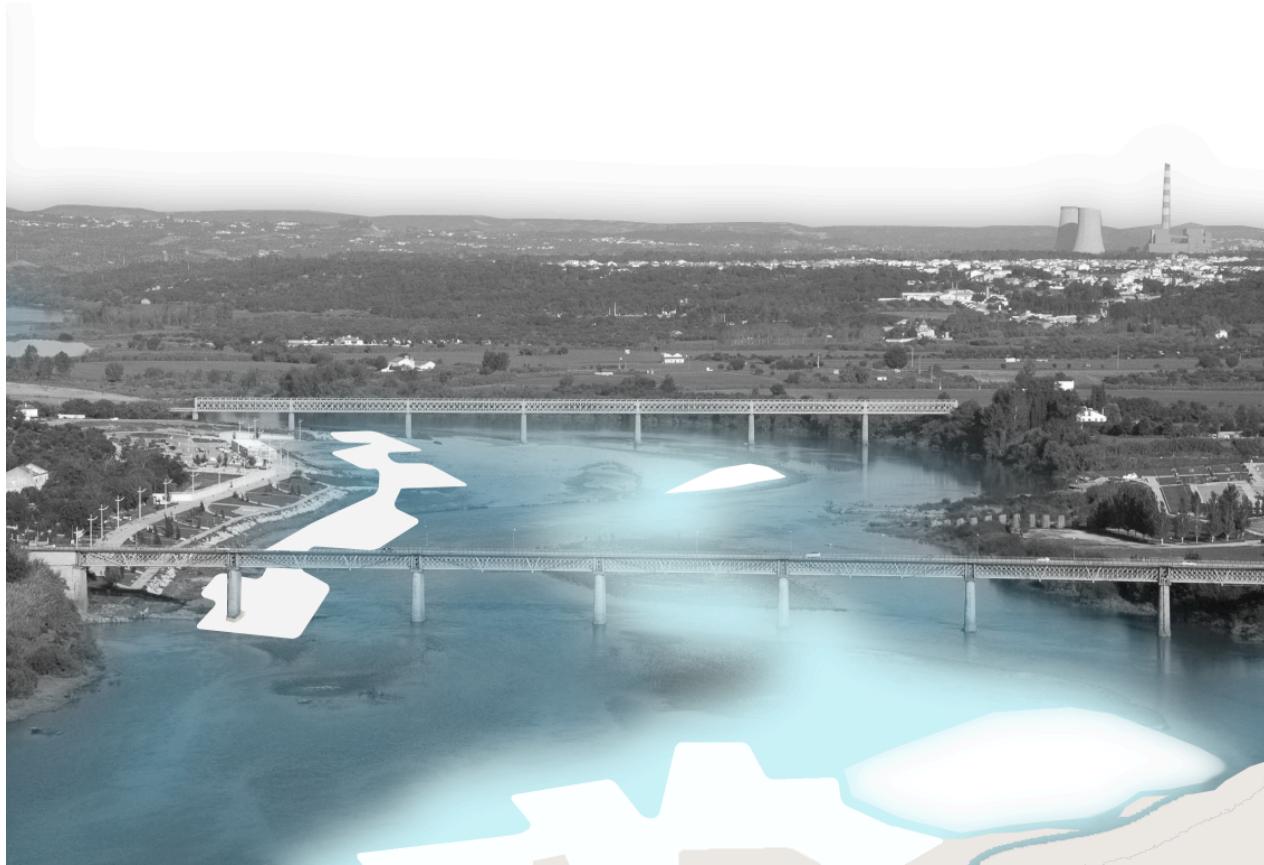


histórico-cultural, isto é, modelos de arquitecturas lúdicas do presente, catalisadoras das transformações sociais.

ZONA 3 (Abrantes)

A intervenção na Zona 3 divide-se nas duas zonas ribeirinhas de Abrantes : Abrantes Oeste e Abrantes Este. Estas zonas são fundamentalmente definidas pelos acidentes da encosta e pela curvatura natural do rio. Nesta zona concentramos os programas direcionados para o entretenimento e o lazer urbano.

A frente mais urbana é a de Abrantes Este, enquadrada pelas duas pontes sobre o Tejo, e caracterizada por uma pendente mais suave que desce sobre o rio. É nesta zona que se localiza o programa Aquapolis que procura dotar o rio de infraestruturas de lazer urbano, como passeios ribeirinhos e parques fluviais. Nesta área verifica-se uma particular concentração de bancos de areia que são o mote das nossas intervenções.



Nesta zona propomos a redefinição da margem baseada num desenho orgânico que evoca a natureza das formações de inertes. São *plataformas artificiais* concebidas a partir dos bancos de areia e que poderão ser utilizadas para diferentes finalidades, seja para actividades lúdicas (passeios,jardins ou praias) seja para actividades desportivas (pesca ou desportos aquáticos). Estas plataformas são equipadas com *os elementos atomizáveis de programa* (que anteriormente referi) como chuveiros, vestiários, postos de vigia e playground.

Na zona de Abrantes Oeste, procuramos concentrar as actividades desportivas, procurando responder à iniciativa do Município de Abrantes de construir uma nova cidade desportiva, na encosta junto ao açude insuflável . Esta zona apresenta algumas dificuldades relacionadas com a presença de várias espécies de elevado interesse ambiental, mas também pela pendente mais abrupta que desce sobre o rio. Também

nos pareceu a melhor área para reenquadrar a zona dedicada aos desportos aquáticos que estava prevista para as proximidades do Castelo de Almourol.

Assim propomos uma plataforma flutuante que pode ser utilizada para várias actividades desportivas. Desde a pesca desportiva , passando pela canoagem e pelos desportos náuticos, podendo ser equipada com os *elementos atomizáveis de programa* que intencionalmente deveriam proliferar neste território, dando uma nova imagem identitária à região.

É importante referir o carácter vulnerável destas infraestruturas que lhes confere um ar de *Arquitecturas Frágeis* , mudando a sua aparência através da acção das águas e dos limos do rio, tornando-se gradualmente em elementos do ecossistema, novos bancos de areia programáveis, novos “hotspots” de pesca desportiva ou simplesmente formações calcárias que servem de brinquedo para as crianças...

